

A INSERÇÃO DA LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL II NO NORTE DO TOCANTINS

*THE INSERT OF READING IN FUNDAMENTAL EDUCATION II
IN THE NORTH OF TOCANTINS*

Josiene Paiva de Freitas¹
Tania Regina Martins Machado²

Resumo: Esta pesquisa se justifica pela importância do hábito da leitura e de leitores críticos e conscientes de sua atuação em sociedade. Desse modo, traz uma abordagem bibliográfica com apontamento para uma pesquisa de campo que utiliza como instrumento um formulário respondido por professores de português de escolas de Ensino Fundamental (EF) II da rede pública de Araguatins – TO. Para sua fundamentação temos os autores: Angela Kleiman, João Wanderlei Geraldi, Yara Liberato, Paulo Freire e Sírio Possenti dedicados a estudar essa temática. Tem-se como objetivo geral pesquisar, junto a esses docentes de língua portuguesa de Ensino Fundamental II, como está sendo inserida a leitura do texto literário e não literário na vida escolar desses alunos e como os discentes estão recebendo essa prática na sala de aula. Os objetivos específicos são: a) Discutir a importância de se incentivar a formação de leitores no âmbito escolar; b) Verificar como os alunos do ensino fundamental II se comportam diante da forma como a leitura é inserida nas aulas de língua portuguesa; c) Investigar como os professores inserem a leitura dentro da sala de aula nas turmas do ensino fundamental II; d) Refletir se suas metodologias são adequadas para incentivar o gosto e o hábito de leitura. Considera-se que o professor tem papel fundamental nessa prática. Assim, esta discussão contribui para formação mais adequada desse profissional para enfrentar as dificuldades que envolvem o ensino da leitura.

Palavras-chave: Prática docente. Língua portuguesa. Leitores críticos.

Abstract: This research is justified by the importance of the habit of reading and of critical and conscious readers of their performance in society. Thus, brings a bibliographic approach pointing to a field research that uses as a tool a form answered by Portuguese teachers from elementary schools (EF) II of the public network of Araguatins - TO. For its foundation we have the authors: Angela Kleiman, João Wanderlei Geraldi, Yara Liberato, Paulo Freire and Sírio Possenti dedicated to studying this theme. The general objective is to research, together with these Portuguese teachers of Elementary Education II, how literary and non-literary text reading is being inserted into the school life of these students and how students are receiving this practice in the classroom. The specific objectives are: a) To discuss the importance of encouraging the training of readers at school; b) Check how students of elementary school II behave in the face of how reading is inserted in Portuguese language classes; c) Investigate how teachers insert reading into the classroom in the classes of elementary school II; d) Reflect if your methodologies are adequate to encourage reading taste and habit. The teacher is considered to have a fundamental role in this practice. Thus, this discussion contributes to a more adequate formation of this professional to face the difficulties that involve the teaching of reading.

Keywords: Teaching practice. Portuguese language. Critical readers.

¹ Licenciada em Letras Português, Espanhol e Respectivas Literaturas da UNITINS, campus Araguatins-TO.

² Doutora em Linguística Aplicada pela UFSC e pós-doutora em Letras (Ensino de língua e literatura) pela UFT. Professora do Curso de Letras da UNITINS, campus Araguatins-TO.

Introdução

Sabe-se da importância da leitura em nossa sociedade, pois além de nos permitir o acesso ao conhecimento e o desenvolvimento do saber, ela nos proporciona vivenciar diferentes realidades. No entanto, no Brasil ainda é preciso realizar um grande trabalho tanto de ensino da leitura, quanto de desenvolvimento do gosto por essa prática, fazendo-se necessário seu incentivo.

Como futura profissional da área de letras, observo o quão relevante é incentivar a ler, pois é através dessa prática que formaremos pessoas críticas e pensantes. No entanto, esse objetivo educacional nem sempre é alcançado. Assim, tem-se como problemática de pesquisa a seguinte questão: Se a habilidade de leitura dos alunos de escolas públicas não atinge os índices esperados em avaliações como Prova Brasil, o que pode ser feito nas aulas de Língua Portuguesa para atacar o problema e melhorar os índices de leitura?

Nesse sentido, a forma como a leitura do texto literário e não literário é introduzida na escola é fundamental para que seus alunos desenvolvam o gosto de ler e para que sejam leitores assíduos, adquirindo tal hábito. Considera-se, então, que a partir do momento em que os discentes tomarem gosto pela leitura, será maior sua recepção daí em diante. Dessa forma, os mesmos compreenderão a importância que ela ocupa na sua trajetória escolar e até mesmo na vida pessoal. Nesse contexto, o papel do professor é de extrema importância para que, nessa fase inicial de inserção à leitura, atue como incentivador, e também como orientador, desse processo.

Como hipótese para contribuir com a solução desse problema, temos que: Se as metodologias empregadas para o desenvolvimento da prática de leitura nas aulas de língua portuguesa forem atrativas e diversificadas é possível formar leitores assíduos e críticos. Portanto, o assunto que será discutido aqui é de grande relevância, pois nunca se falou tanto em formação de leitores quanto agora. No entanto, é preciso analisar como as metodologias estão sendo desenvolvidas em sala de aula, para beneficiar o ato de ler e tentar prever o que se pode mudar, buscando-se aumentar o gosto pela leitura em nossos alunos. Assim, compreende-se que a leitura é indispensável para que, de fato, possam ter uma visão ampliada do mundo, adquirindo conhecimentos e aguçando seu pensamento crítico, e colaborar significativamente com a sociedade.

Dessa forma, nosso objetivo geral é pesquisar, junto a docentes de língua portuguesa de Ensino Fundamental II de duas escolas públicas de Araguatins, como está sendo inserida a leitura do texto literário e não literário na vida escolar desses alunos e como os discentes estão

recebendo essa prática na sala de aula. Para tanto, busca-se atender aos seguintes objetivos específicos: a) Discutir a importância de se incentivar a formação de leitores no âmbito escolar; b) Verificar como os alunos do ensino fundamental II se comportam diante da forma como a leitura é inserida nas aulas de língua portuguesa; c) Investigar como os professores inserem a leitura dentro da sala de aula nas turmas do ensino fundamental II; d) Refletir se suas metodologias são adequadas para incentivar o gosto e o hábito de leitura.

Nesse sentido, esta se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica, com apontamento para uma pesquisa de campo, de cunho quantitativo e qualitativo com vistas a investigar como se dá a inserção da leitura no EF II em duas escolas públicas de Araguatins a partir de um questionário a ser respondido por seus professores de língua portuguesa. Para análise e interpretação dos dados, baseamo-nos em autores como Angela Kleiman (1989, 2005 e 2012), Yara Liberato (1992), Sírio Possenti (2003), entre outros.

Abordagem da questão da leitura

Esta seção está voltada para apresentar os fundamentos teóricos, bem como os autores nos quais nos baseamos para esta discussão em torno de *A inserção da leitura no Ensino Fundamental II no norte do Tocantins*, sendo eles: Angela Kleiman (1989, 2005, 2012) que trabalha a questão da leitura envolvendo teoria e prática; João Wanderlei Geraldi (1999), que trouxe muitas contribuições para as reflexões feitas neste texto, com a obra *O texto na sala de aula*, da qual é organizador; Lúcia Fulgêncio e Yara Liberato (1992), que retratam, em seu livro *Como facilitar a leitura*, métodos que facilitam a leitura; Paulo Freire (1989, 1996), que nos mostra a importância do hábito de ler, entre outras grandes colaborações e Sírio Possenti (2003), que aborda, em seu livro *Por que (não) ensinar gramática na escola*, a questão do ensino da gramática dentro do texto, ou seja, demonstra o quanto a leitura bem interpretada colabora para outras áreas de ensino.

Tratar da leitura no Brasil ainda se faz necessário porque essa é uma prática que merece atenção. Atualmente, ela não ocorre com tanta frequência em ambientes fora da escola. E mesmo dentro dela, ainda apresenta muitos pontos problemáticos. De modo que profissionais de educação estão se mobilizando para que a leitura se torne um hábito e mais que isso, para que ela seja significativa para a aprendizagem e formação de seus alunos. Como futura professora de letras, tem-se sobre essa questão de ensino da língua portuguesa a necessidade de um olhar mais atento.

De tal foram que, investi na pesquisa com professores de língua portuguesa de duas escolas públicas de EF II de Araguatins, no intuito de verificar como está sendo a inserção da

leitura do texto literário e não literário em suas aulas. Considera-se, portanto, que investigações como esta são importantes para avaliarmos pontos positivos e negativos desse trabalho, que vão desde as regras da própria instituição até a forma como os professores trabalham essa inserção. Além do mais, as respostas obtidas através do questionário podem indicar qual é a receptividade dos alunos quanto à forma como é trabalhada a leitura, se gostam ou não da metodologia empregada para isso ou até mesmo, como gostariam que ela fosse realizada. Assim, o compartilhamento dessas informações com profissionais da área pode contribuir para a melhoria dessa prática.

Conceituando leitura

Adentrando mais especificamente em o que vem a ser leitura, temos que ela deve ir além de somente juntar as letras e pronunciar os sons que formam as palavras. Se nos atentarmos para o significado da palavra *leitura*, de acordo com o dicionário *Aurélio*, *leitura* significa: 1. Ato, arte ou hábito de ler. 2. Aquilo que se lê. 3. Tec. Operação de percorrer, em um meio físico, marcas codificadas (as informações registradas), e fazê-las voltar à forma anterior (como imagens, sons, dados para processamento). No entanto, é relevante trazermos para a discussão o autor Paulo Freire, para quem:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidades se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1989, p. 9).

De modo que a leitura de mundo vem antes da leitura da palavra. Para se fazer uma boa interpretação do que se lê, é necessário estar atento ao que se passa a nossa volta, pois a língua se encontra ligada com a realidade. Só se alcança a criticidade da leitura depois que são percebidas as relações do que se está lendo com o contexto que o envolve.

Além disso, ler é um ato que nos exige atenção para o que estamos lendo, pois precisamos estar atentos ao que o texto nos transmite e até mesmo nas mensagens que não estão claramente explícitas. Sendo assim, não devemos olhar o texto como se fosse um enigma para decifrá-lo, pois de acordo com Lajolo:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta

leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (LAJOLO, 1982, p. 59 apud GERALDI, 1999, p. 91).

Compreende-se, portanto, que ler não é apenas traduzir as palavras para descobrir a mensagem que o texto, unicamente, forma. Esse é um ato que vai além. É preciso ver o sentido de um texto relacionando-o com outras leituras já realizadas, observando a ideia que o autor também quis passar, criando a visão do leitor a partir da leitura realizada, concordando ou não, desenvolvendo, assim, seu senso crítico.

Assim sendo, “a leitura é um processo de interlocução entre o leitor/autor mediado pelo texto” (GERALDI, 1999, p. 91). Desse modo, entendemos que leitura é a ação de ler, interpretar e contextualizar o que está sendo lido, buscando sempre compreender qual a mensagem que autor quis repassar com seu texto, mas adquirindo uma visão própria sobre esse texto também, criando assim essa interação.

Após demonstrarmos o que entendemos por leitura, faz-se necessário atentarmos para o que os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN-LP) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) orientam a respeito do assunto em questão, por isso trataremos deles no próximo tópico.

Os documentos oficiais e a leitura

Observando o quanto é imprescindível falar sobre leitura, sua importância e seu incentivo, bem como ela é inserida nas aulas de língua portuguesa, faz-se necessário abordarmos o que os documentos oficiais falam a respeito desse assunto. Esses documentos buscam guiar o trabalho da escola referente à leitura. Assim, segundo os PCN-LP:

Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura – que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura (BRASIL, 1997, p. 43).

Dessa forma, algumas condições são imprescindíveis para se trabalhar a leitura no ambiente escolar. Conforme afirma o mesmo texto, se faz necessário:

- dispor de uma boa biblioteca na escola;
- dispor, nos ciclos iniciais, de um acervo de classe com livros e outros materiais de leitura;
- organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia. Para os alunos não acostumados com a participação em atos de leitura, que não conhecem o valor que possui, é fundamental ver seu professor envolvido com

a leitura e com o que conquista por meio dela. Ver alguém seduzido pelo que faz pode despertar o desejo de fazer também;

- planejar as atividades diárias garantindo que as de leitura tenham a mesma importância que as demais;
- possibilitar aos alunos a escolha de suas leituras. Fora da escola, o autor, a obra ou o gênero são decisões do leitor. Tanto quanto for possível, é necessário que isso se preserve na escola;
- garantir que os alunos não sejam importunados durante os momentos de leitura com perguntas sobre o que estão achando, se estão entendendo e outras questões;
- possibilitar aos alunos o empréstimo de livros na escola. Bons textos podem ter o poder de provocar momentos de leitura junto com outras pessoas da casa – principalmente quando se trata de histórias tradicionais já conhecidas;
- quando houver oportunidade de sugerir títulos para serem adquiridos pelos alunos, optar sempre pela variedade: é infinitamente mais interessante que haja na classe, por exemplo, 35 diferentes livros – o que já compõe uma biblioteca de classe – do que 35 livros iguais. No primeiro caso, o aluno tem oportunidade de ler 35 títulos, no segundo apenas um;
- construir na escola uma política de formação de leitores na qual todos possam contribuir com sugestões para desenvolver uma prática constante de leitura que envolva o conjunto da unidade escolar (BRASIL, 1997, p. 43-44).

Como é apresentado acima, de acordo com o PCN-LP, há uma série de fatores que devem acontecer para que o aluno se sinta bem e que a forma como a leitura é trabalhada seja favorável para que ele se torne um leitor praticante, com hábito positivo em sua visão de leitura. Tais fatores vão desde o ambiente até forma de como ele recebe e visualiza essa prática. Este é, sem dúvida, um momento muito decisivo que deixará no aluno o amor pela leitura ou não.

Nesse contexto, vale ressaltar, ainda, o papel do docente. Este profissional que é visto como um espelho na sala de aula, tem a incumbência de mostrar a seus alunos como ler é gratificante e prazeroso. Possivelmente, ao sentirem o entusiasmo do professor com a leitura, eles também serão contagiados e se motivarão para ler. Levando em consideração isso, podemos reafirmar com a BNCC que

O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias (BRASIL, 2017, p. 67).

Nesse sentido, é evidente que a interação é necessária para que haja um bom crescimento do aluno no que diz respeito ao contato com a leitura. É preciso que quem lê esteja em comunicação com quem ouve, assim como, quem presencia o texto, com o que se lê.

Nesse grupo estão desde textos escritos até os que requerem habilidade de leitura com competências das mídias, essas que são bastante presentes nos dias atuais e na vida dos nossos alunos, nos atentando para a interpretação que o assunto nos traz. Assim, em nossa prática,

precisamos dar importância aos textos que os alunos leem por prazer como damos, também, aos literários. A BNCC (2017), orienta que é relevante, inclusive, inserir outras artes que contemplam a aprendizagem dos alunos em nosso planejamento. Desse modo,

Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais (BRASIL, 2017, p. 68).

Como dito anteriormente, esse texto prevê a inserção na vida do discente materiais audiovisuais, desde fotos, pinturas, vídeos e filmes. Tais recursos estimulam o cognitivo do aluno, pois leitura está relacionada a tudo que envolve nosso meio social e requer um entendimento, uma interpretação, sobre o assunto que nos cerca. Esses materiais, além de serem mais atrativos e capazes de tornar uma aula mais dinâmica, nos dá a chance de usar elementos que farão com que se interessem mais no assunto. Essa pode ser uma forma de fazer parte de algo que terão gosto em praticar, pois o quadro de alunos de hoje é voltado para o mundo tecnológico. Levando-se em conta esses aspectos, no próximo tópico trataremos da importância da leitura.

O importante ato de ler

A leitura é crucial na vida das pessoas, pois é partir dela que podemos aperfeiçoar nossos conhecimentos, descobrir coisas novas e formar nossas opiniões. Para Freire (1989, p. 40), antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos “lendo” bem ou mal o mundo que nos cerca. O autor destaca que observar os conhecimentos que o aluno já traz consigo e agregar ao ensino é essencial para sua aprendizagem.

Como profissionais envolvidos com a prática da leitura, devemos estar familiarizados com todos os tipos de textos para que possamos compreender a mensagem quando for necessário. De acordo com isso, Fulgêncio e Liberato relatam que não existe uma taxa de leitura melhor: ela depende da dificuldade da passagem que está sendo lida, ou melhor das habilidades do leitor para interpretar aquela passagem (FULGÊNCIO; LIBERATO, 1992, p. 26). Além disso, não devemos esquecer que para que o aluno tenha gosto pelo ato de ler, ele deve compreender o que está lendo, isso fará com que ele crie o hábito de leitura.

Assim, em outras palavras, a leitura é mais eficiente na medida em que o leitor consegue compreender o texto captando porções maiores de informação em cada fixação (FULGÊNCIO; LIBERATO, 1992). Desenvolver essa eficiência é fundamental e tais

conhecimentos só são adquiridos com a prática. Da mesma maneira, o docente precisa demonstrar essa importância em sala de aula para que a dedicação do discente seja maior nessa busca por vir a ser leitor assíduo. Kleiman (2012), trata desse assunto quando diz que

Devemos lembrar que, para a maioria, a leitura não é aquela atividade no aconchego do lar, no canto preferido, que nos permite nos isolarmos, sonhar, esquecer, entrar em outros mundos, e que tem suas primeiras associações nas histórias que nossa mãe nos lia antes de dormir. Pelo contrário, para a maioria, as primeiras lembranças dessa atividade são a cópia maçante, até a mão doer, de palavras da família do da, ‘Dói o dedo do Didu’; a procura cansativa, até os olhos arderem, das palavras com o dígrafo que deveria ser sublinhado naquele dia; a correria desesperada até o dono do bar que compra o jornal aos domingos, para a família achar as palavras com letra J. Letra, sílabas, dígrafos, encontros consonantais, entre vocálicos, ‘dificuldades’ imaginadas e reais substituem o aconchego e o amor para essas crianças, entervando assim o caminho até o prazer (KLEIMAN, 2012, p. 16).

Como aborda a autora, o que afasta muitas pessoas da satisfação de ler é exatamente a forma pela qual tomaram conhecimento dessa atividade, o jeito que ela foi inserida na vida de cada pessoa. Esse é, sem dúvida, o momento que mais contará na vida dela para seguir em frente amando ou odiando tal exercício. Partindo-se do que foi abordado, é indispensável falarmos sobre metodologias atrativas no ensino de leitura. Esse é o assunto do próximo tópico.

Metodologias voltadas para o ensino de leitura

Antes de inserirmos exigências textuais na vida das crianças, na fase em que tomam conhecimento da leitura, temos que aproximá-las desse mundo novo, mostrando a elas as diversidades de leituras, esperando ver com qual ela irá se identificar. Com esse intuito, “o ensino de leitura e de produção textual pode ser ampliado com vistas a incluir as leituras passageiras da paisagem urbana, como letreiros nas estradas, avisos nas ruas e em guichês, grafites, pichações...” (KLEIMAN, 2005, p. 56). Por esse motivo, inserir na vida escolar do aluno o que faz parte do seu contexto social, chama sua atenção, despertando-o para um olhar de curiosidade, fazendo-o buscar por mais conhecimento.

Todo conteúdo proposto em sala tem um objetivo e com a leitura não é diferente. Portanto, devemos pensar bem no que queremos que o aluno aprenda com tal prática de leitura. Isso porque, como afirma Kleiman (2005), quando mudam os objetivos, mudam também as estratégias de leitura. O que nos leva olhar com atenção para o ato de inserir a leitura em nossas aulas de língua portuguesa, pois as estratégias empregadas pelos professores dessa disciplina são imprescindíveis para que eles tomem gosto por esse costume e ensino. Assim, trabalhar

diferentes questões será mais fácil, podendo até mesmo se diversificar os tipos de textos nas aulas, para que todos exercitem essa atividade tendo contato com um texto que lhe agrada.

Outra questão que não se pode esquecer é que nem todos aprendem da mesma maneira, ou tem o mesmo gosto pelo mesmo tipo de leitura, nem tem o mesmo entendimento pelo mesmo texto que for trabalhado em sala de aula. Kleiman (2012, p. 49) confirma isso ao afirmar que uma vez que a leitura é um ato individual de construção de significado num contexto que se configura mediante a interação entre autor e leitor. Sobre esse assunto, Possenti acrescenta:

Além disso, se a escola tiver um projeto de ensino interessante, através da leitura esse aluno terá tido cada vez mais contato com a língua escrita, na qual se usam formas padrões que a escola quer que ele aprenda. Se fizermos este tipo de levantamento de forma adequada por vários anos, cada escola acabará por saber com bastante clareza o que lhe cabe no ensino do padrão e o que os alunos aprendem fora da escola (POSSENTI, 2003, p. 51).

Como aborda o autor, a escola tem papel fundamental ao desenvolver o olhar do aluno para a leitura. Dessa forma, cabe a ela procurar formas atrativas de envolver essa atividade, porque além de praticarem o ato de interpretação do que leem, ainda tomarão conhecimento de outros aprendizados que são primordiais, os quais também são obrigação da entidade escolar repassar aos discentes. Se observarmos mais nossos alunos para saber o que lhes chama a atenção, para conhecer seus gostos e identificar seus conhecimentos, somando isso a um projeto que eles achem interessante, muito mais será aprendido, e mais amor pela leitura terão.

Nesse sentido, inserir o ato de ler ao cotidiano escolar é uma tarefa indispensável e aprendermos novas formas de fazermos essa inserção de forma mais favorável é que conta para formarmos leitores assíduos e críticos pois “não se aprende por exercícios, mas por práticas significativas” (POSSENTI, 2003, p. 47). Essa não é uma tarefa fácil, porém, se mostrarmos aos discentes o real valor e significado desse mundo literário, teremos mais chances de alcançarmos o objetivo da escola com essa prática.

No entanto, tais profissionais não devem se esquecer de que podemos trabalhar tudo isso dentro dos textos, praticando também a leitura. E é através dela que formaremos pessoas com maiores conhecimentos, pois é no exercício da leitura que o conhecimento se amplia.

Procedimentos metodológicos

O desenvolvimento desta investigação contou com a pesquisa bibliográfica com apontamento para uma pesquisa de campo de natureza quantitativa e qualitativa. De modo que, após realizar leituras de obras que retratam a importância e como se dá a inserção da leitura, não sendo possível acompanhar suas aulas e observar seus procedimentos, foi aplicado um questionário (ver ANEXO) aos professores de língua portuguesa de duas escolas de EF II da rede pública de Araguatins, com o qual foram gerados dados para a interpretação da realidade observada.

Esse questionário é composto por 10 questões e foi direcionado a esses professores para que respondessem perguntas sobre como eles trabalham a leitura na sala de aula. Entre as perguntas, cinco são abertas e cinco fechadas, tudo pensado para não tornar a contribuição algo cansativo e também porque algumas respostas objetivas (SIM e NÃO) já nos dão uma resposta clara sobre a temática abordada. Outra observação que esse instrumento permite é sobre a percepção dos alunos frente a forma com que esses professores trabalham a leitura, a partir de questões referentes ao seu gosto sobre essa prática.

Para a aplicação do questionário, propôs-se que as visitas fossem previamente agendadas com esses profissionais, sendo realizadas nas dependências da escola, em local privativo e em horário adequado ao professor. Além de se manter em sigilo quanto a identidade dos professores que respondessem a ele e também das escolas.

No entanto, esse instrumento foi confeccionado em formato de questionário *google*. Trata-se de um formulário online que é usado para fazer enquetes, pesquisas, colher informações, através da *internet*. Assim, gerou-se um *link* que foi encaminhado pelo *WhatsApp* aos professores de língua portuguesa dessas escolas. Essa forma de coleta de dados para a pesquisa se deu dessa forma a atender à solicitação da coordenadora de uma das escolas onde foi realizada. Dessa forma, os professores poderiam responder com calma e no tempo que lhes fosse melhor, sem precisar interromper seu trabalho na escola, trazendo mais tranquilidade ao ter que responder o questionário, sem a presença física do pesquisador.

Então, após a apresentação do projeto de pesquisa aos diretores das duas escolas, da conversa com a coordenação, iniciamos o envio do *link* a esses professores. Alguns deles optaram em não responder o questionário e mesmo um dos professores deixou de responder a duas das dez perguntas do questionário. Em uma das escolas, embora o diretor tenha feito o pedido ao grupo para que respondesse, apenas 4 professores atenderam-no, alegando falta de tempo para responderem ao questionário. Com isso, foi possível observar a resistência por parte dos docentes em contribuir com tal investigação. Na segunda escola, tudo ocorreu com mais facilidade, levei uma carta de apresentação da proposta da pesquisa assinada pela professora

orientadora e 4 professores prontamente responderam às perguntas. Portanto, totalizou-se 8 professores participantes da pesquisa.

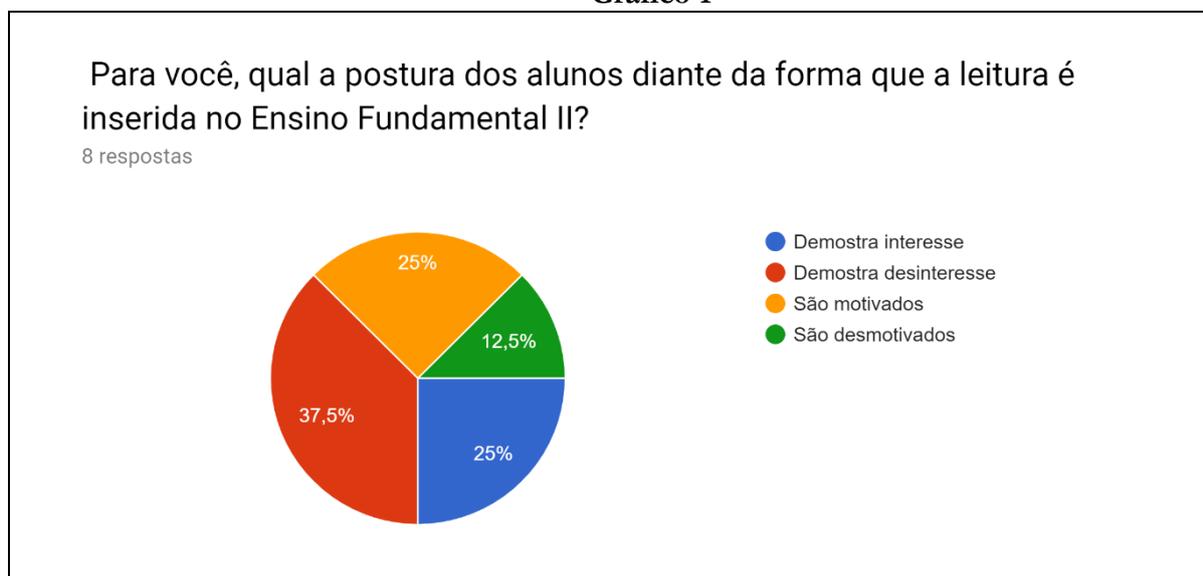
Já que a pesquisa seria realizada via *link*, informamos aos professores que não precisariam se identificar e que podiam responder às questões com clareza e segurança. Também para manter esse compromisso ético, sem precisar citar nomes, às escolas participantes nos referimos como A e B e aos professores participantes como 1, 2, 3 e 4. De modo que podemos nos referir ao professor A1 como profissional atuante em uma das escolas e ao professor B1 ao docente da outra entidade de ensino, por exemplo.

A partir das respostas às perguntas fechadas, foi possível elaborarmos gráficos e às abertas, tabelas, os quais serão apresentados e discutidos no próximo tópico.

As metodologias usadas na inserção de leitura do texto literário e não literário na colaboração de formar leitores

Esta seção está voltada para a apresentação dos dados adquiridos com a pesquisa, seguindo-se a uma análise reflexiva sobre eles, com a qual se espera responder às indagações levantadas inicialmente neste texto. Iniciaremos com os resultados das perguntas objetivas de nosso questionário (ver ANEXO) expostos em gráficos. Para tanto, apresentamos inicialmente o Gráfico 1:

Gráfico 1



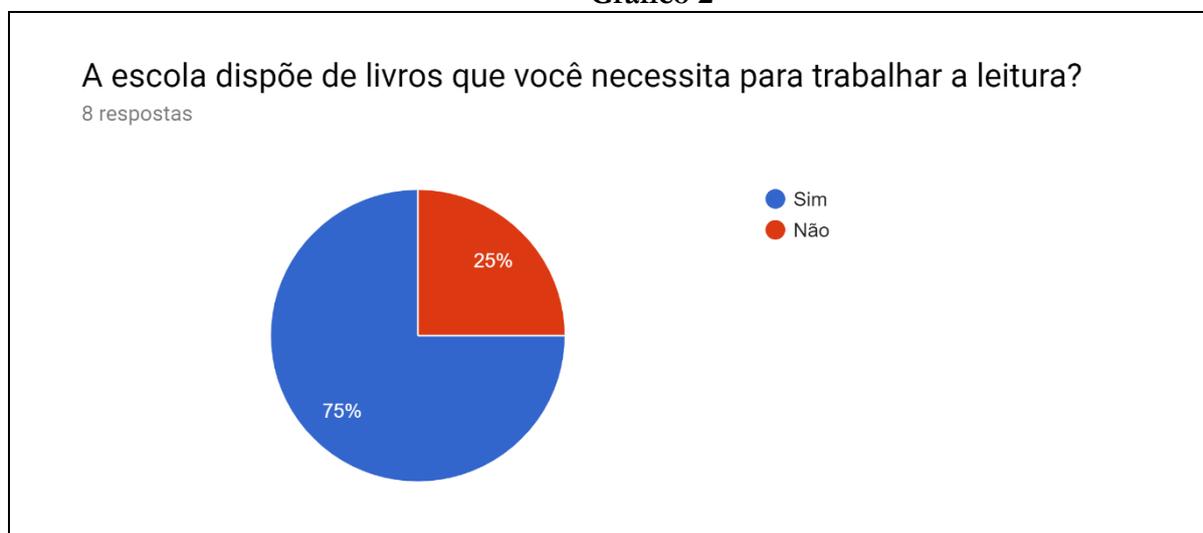
Fonte: Sistematização a partir do formulário *google*.

De acordo com o Gráfico 1, pode ser observado que a maioria dos alunos das duas escolas pesquisadas são desinteressados pelo ato de ler. Esta parcela está representada por

37,5% e os alunos interessados ficam num total de 25%. Nesse caso, vê-se a necessidade de incentivá-los a leitura. Além disso, a forma como ela acontece é importante e deve ser vista como tal, sendo imprescindível levar em consideração também os conhecimentos que os alunos já trazem com eles para a escola.

Nesse sentido, Paulo Freire (1989) nos orienta que antes mesmo de ler e escrever já estamos lendo o mundo que nos cerca. Os docentes, que assumem essa tarefa de fazer com que seus alunos tomem gosto pela leitura, precisam, também, ter sentimento pelo que fazem pois, “para formar leitores, devemos ter paixão pela leitura (KLEIMAN, 2005, p.15). Passamos agora para o Gráfico 2:

Gráfico 2



Fonte: Sistematização a partir do formulário *google*.

Considerando-se o Gráfico 2, que no percentual nos mostra que 75% dos professores dizem que a escola dispõe de livros que eles necessitam para trabalhar a leitura, e 25% dizem que a escola não tem esse material ao todo. Percebemos assim, que as duas escolas dispõem de livros para serem utilizados pelos alunos para trabalharem com a leitura. Esse é um dado favorável para a prática, tendo em vista que, assim, cada aluno pode encontrar um livro que desperte seu interesse pela leitura. Além disso, o professor tem a oportunidade de trabalhar com textos que chamem a atenção desses alunos. Para aprofundar a abordagem dessa temática, tem-se Kleiman, para quem

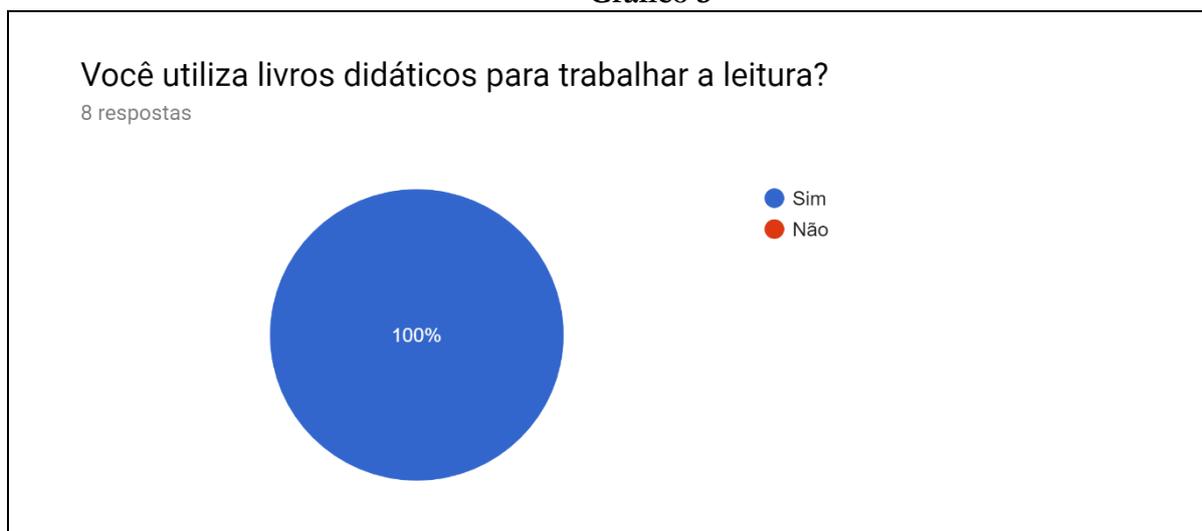
A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual,

o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto (KLEIMAN, 1989, p. 13).

Ao se considerar as palavras da autora e recordar que atualmente a escola constitui um reduto privilegiado da leitura e de geração de leituras, cabe ao professor estar atento a esses conhecimentos que o aluno já possui. Ao realizar uma leitura, este traz seu conhecimento de mundo para a sala de aula (FREIRE, 1996), e é a partir desses conhecimentos que o professor pode e deve buscar desenvolver a inserção da leitura do texto literário e não literário.

Quando o discente ler e entender o que foi lido, com certeza ele terá mais vontade de dar sequência nessa leitura, bem como se aventurar em tantas outras. Nessa prática, estão atuando o conhecimento linguístico, textual e o conhecimento de mundo. O conhecimento linguístico é aquele que o discente já tem de sua língua; o conhecimento textual se refere ao que ele vê e entende dentro do texto, saber interpretá-lo quando for preciso; já o conhecimento de mundo é o que cada um carrega consigo, baseado em suas experiências de vida e o que já foi aprendido até então. Passamos, então, para o Gráfico 3:

Gráfico 3



Fonte: Sistematização a partir do formulário *google*.

É perceptível que para desenvolver o hábito da leitura a partir das aulas de língua portuguesa com êxito, o docente precisa usar metodologias agradáveis e inserir, de antemão, formas atrativas para despertar a curiosidade dos futuros leitores. Observando-se o resultado exposto no Gráfico 3, podemos dizer que, em unanimidade, todos fazem uso do livro didático para a prática da leitura. Entretanto, os professores precisam estar atentos ao uso do livro nesse momento.

Isso porque “muitas vezes, quando é transferido para o livro didático, o texto literário acaba se desconfigurando, pois perde a programação visual e as ilustrações do livro originalmente concebido e publicado” (PAIVA, 2005, p. 45). Desse modo, tudo que colabora para chamar a atenção do aluno para a leitura e para sua compreensão, deve ser valorizado. O livro didático pode ser um apoio nas aulas de português, mas não se deve ficar preso apenas nesse material. Apresentamos, então, o Gráfico 4:

Gráfico 4



Fonte: Sistematização a partir do formulário *google*.

Considerando-se o cômputo das respostas que formam o Gráfico 4, percebe-se que nas duas entidades escolares os livros mais utilizados pelos professores para o momento da leitura pertencem à literatura infanto-juvenil. Esse percentual está representado com 75% de utilização, enquanto que 12,5% fazem uso de histórias em quadrinhos e, com a mesma proporção, dos clássicos literários. Essa disparidade nos dados nos faz pensar sobre a questão de se inserir outros tipos de livros para o estímulo da leitura nas aulas de língua portuguesa. Isso também porque pode haver um problema associado a ler, predominantemente, esse tipo de livros, conforme destaca Silva (1999, p. 84: “Leem obras do gênero infanto-juvenil, a maior parte delas escrita na primeira metade do século, quando Lobato (na década de 20) significava sozinho “o novo” em literatura para crianças”.

Ademais, os tempos mudaram, e, justamente por isso, a escola não deve se prender à leitura de apenas em um tipo de livro. Por outro lado, é significativo mostrar aos alunos a diversidade deles ao inserir a leitura, pois é ao conhecer tal variedade que eles conhecerão seus gostos e buscarão por mais leituras. Vamos ao Gráfico 5:

Gráfico 5



Fonte: Sistematização a partir do formulário *google*.

Com relação ao Gráfico 5, observa-se que 37,5% dos professores das escolas em que se realizou a pesquisa, concordam que o que falta para a escola fazer para incentivar à leitura é formação continuada, e com o mesmo percentual, eles consideram que a instituição precisa investir em diversidade de livros. Somente 25% pensam que é necessário trabalhar projetos e formas diversificadas de leituras. No entanto, nenhum deles considerou ser importante a questão de incentivar os alunos a exporem suas produções em eventos culturais.

Podemos observar que para essa pergunta, o percentual das respostas foi bem mais equilibrado. Isso nos leva a inferir que todas essas medidas são relevantes para o desenvolvimento do hábito da leitura nas escolas. Em razão disso, conclui-se que é preciso investir mais nos docentes para que consigam trazer para sala de aula propostas inovadoras. E,

inclusive, a diversidade de livros é fundamental, pois, de acordo com Geraldí (1999, p. 99), “Parece-me que deveremos – enquanto professores – propiciar um maior número de leituras, ainda que a interlocução que nosso aluno faça hoje com o texto esteja aquém daquela que almejaríamos: afinal, quem é o leitor, ele ou nós?”.

Em concordância com o autor, consideramos que tanto a escola quanto os professores devem propiciar leituras variadas para seus alunos. A escola fornecendo os livros e os professores dando conta da questão de incentivar e valorizar as escolhas individuais dos discentes. O docente pode trabalhar isso a favor da aprendizagem, porque os discentes podem aprender muito em atividades que envolvam leituras que eles gostem, não somente aquelas impostas pelo professor.

Seguiremos, agora, com apresentação das tabelas relacionadas às perguntas discursivas que compõem o questionário de pesquisa. Desse modo, abordamos a Tabela 1:

Tabela 1: Como acontece a inserção da leitura no Ensino Fundamental II?

A1. A leitura se dá de forma interdisciplinar, mas na Língua portuguesa dá-se uma ênfase para que o aluno compreenda o que está lendo e contextualizar em sua vida cotidiana.
A2.
A3. Através geralmente de gêneros textuais.
A4. Através da leitura de livros e contos infantis, das rodas de contação de histórias etc
B1. Através dos gêneros textuais.
B2. A inserção da leitura é feita da maneira menos prazerosa, através de recortes de textos que são encontrados nos livros didáticos, apesar de não ser o ideal, é um dos poucos momentos em que o professor e o aluno tem o mesmo texto nas mãos.
B3. Normalmente à Leitura é feita com fragmentos de obras.
B4. Através da leitura de contos e livros infanto-juvenis.

Fonte: Elaboração nossa

A Tabela 1 traz 7 respostas, sendo que o professor A2 não respondeu à pergunta sobre como é realizada a inserção da leitura. De acordo com ela, dentre os professores da escola A participantes da pesquisa, o professor A1 disse que procura trabalhar com a contextualização dos textos para que os alunos tenham melhor compreensão; os professores A3 e A4, inserem a leitura em suas aulas através de gêneros textuais, contos infantis e contação de história, respectivamente. Na escola B, o professor B1 também faz sua inserção através do trabalho com gênero textual; o professor B2 utiliza, para tanto, recortes de textos do livro didático; quanto ao B3, ele trabalha com trechos de obras literárias e o B4 faz uso de contos e livros infanto-juvenis.

A partir da forma como esses docentes inserem a leitura em suas aulas, podemos destacar a importância de se olhar para o texto que será utilizado em aula com uma intenção. Isso porque “Na realidade posso me aproximar de um texto com diferentes finalidades – ler para quê (para me informar, para estudar, para me entreter, ...)” (CASTELLO-PEREIRA, 2005, p. 49). Se o docente apresentar a razão e a finalidade do trabalho com um texto em particular,

no momento da leitura, o aluno perceberá que existe um propósito e, também, despertará os seus próprios, aproximando-se dessa prática. Passamos, então, à Tabela 2:

Tabela 2: Qual(is) metodologia(as) é(são) usadas para que o momento da leitura seja prazeroso?

A1. Roda de leitura, varais de leitura e poesias, cantinho da leitura.
A2. Eles podem escolher livro pra serem lidos.
A3. Leitura conjunta, contação de histórias a partir da leitura de livros de literatura infantil de diferentes gêneros: contos, fábulas, cordel, poesia.
A4. Escolha livre dos livros a serem lidos.
B1. Criando um ambiente adequado para leitura, as vezes buscando ambientes fora da sala de aula. E buscando sempre textos adequados a idade dos alunos.
B2. Levar ao laboratório de informática, local com ar condicionado, fora isso, as leituras são feitas em sala de aula, pois a escola não dispõe de locais agradáveis para fazer a leitura e a biblioteca não suporta mais que 10 alunos ao mesmo tempo.
B3. Leitura coletiva e compartilhamento das percepções do texto
B4. Leitura silenciosa e compartilhada; dramatização de textos; debates sobre os textos lidos.

Fonte: Elaboração nossa

A partir das respostas contidas na Tabela 2, pode-se observar que as metodologias empregadas para a inserção da leitura nas aulas de língua portuguesa dos professores que participaram da pesquisa são variadas. De modo que, nas turmas dos professores A1 e A3, a leitura é estimulada, como por exemplo, com: roda de leituras, varais de leituras, leitura conjunta, contação de história, etc. Já nas turmas dos professores A2 e A4, os alunos podem escolher livros para lerem. Essa variedade de práticas que incentivam a leitura por parte dos alunos nas aulas de língua portuguesa demonstra que há emprego satisfatório de metodologias para que eles consigam criar gosto pelo ato de ler.

Com relação à escola B, os professores B1 e B2 demonstram dar importância ao ambiente para inserir a leitura, o que também é favorável à prática. Já os professores B3 e B4 dão atenção para a forma de se ler os textos, individualmente e em silêncio ou em voz alta e no coletivo, fazendo compartilhamentos e também dramatizações e debates. Essas propostas de trabalho com a leitura em língua portuguesa estão de acordo com o que é apresentado nos PCN-LP. De modo que, também podem ser consideradas relevantes para a percepção de como se dá a leitura e para que os alunos criem paixão pelo ato de ler. Passemos, então, à Tabela 3:

Tabela 3: Você gostaria de trabalhar com a leitura de forma diferente?

Se sim, por quê?

A1. Sim. Para chamar a atenção dos alunos.
A2.
A3. Sim, eles não se mostram interessados em ler... não tem esse costume em suas casas.
A4. Não.
B1. Sim. Usando recursos tecnológicos, os quais nós sabemos que chama atenção dos alunos dessa geração.
B2. Sim. Se a escola tivesse condições de várias cópias de um mesmo material a todos ao mesmo tempo, facilitaria o trabalho com a leitura. Infelizmente a biblioteca não tem essa quantidade e imprimir material a todos nem sempre é possível. Trabalhar a leitura em uma sala de 30 alunos e cada um com um livro diferente é complicado,

pois como professor, nem sempre é possível ler e ter conhecimento do livro que o aluno escolheu para ler o que dificulta ajudá-lo a desenvolver a leitura e explorar mais o material utilizado.
B3. Sim. Gostaria de conseguir incentivar a leitura de obras completas e que tal prática fizesse parte do cotidiano dos alunos.
B4. Sim, pois é uma maneira de fazer com que os alunos despertem mais o interesse pela leitura, de forma dinâmica e prazerosa, desenvolvendo assim as habilidades necessárias.

Fonte: Elaboração nossa

A Tabela 3 também é composta por 7 respostas, sendo que o professor A2 não respondeu se gostaria de trabalhar a leitura de forma diferente. Em resposta a essa pergunta, os professores da escola A, A1 e A3, responderam que sim, justificando que isso seria para despertar a atenção dos alunos, porém, o professor A4 disse que não, o que nos leva a pensar que entende que sua prática é adequada para desenvolver o hábito da leitura em seus alunos de modo satisfatório. Na escola B, os professores B1, B3 e B4 também responderam que sim, pelo motivo de estimular a atenção, o interesse, e fazer o momento mais dinâmico, prazeroso. Já o professor B3 respondeu que sim, mas destacou limites impostos para isso, pois precisaria ter acesso a mais materiais, além de espaço maior na biblioteca.

Com essas afirmações, pode-se concluir que chamar a atenção dos alunos para o exercício da leitura é o ponto mais desejado pelos professores, que podem buscar metodologias que despertem essa atenção. Dentre essas iniciativas temos, por exemplo: criar prêmios para incentivar a leitura; estimular o uso da biblioteca, propondo momentos agradáveis nesse espaço; trazer livros dela para a sala de aula, se o local for pequeno, etc.

Somando-se a essas práticas, pode-se criar grupos de leitores, com intuito de socialização sobre os livros lidos, entre outras possibilidades. Tendo em vista que, como argumenta Testa (2019, p. 102), “Diante das muitas respostas e perspectivas, sem dúvidas, uma resposta nos parece de suma importância: ele é capaz de engajar outros leitores”, referindo-se a criação de um grupo de leitores. Desse modo, com a criação de grupos, as leituras, ao serem compartilhadas, atraem mais leitores, além do que, ler por um motivo, tendo um significado, traz para o leitor maior motivação para ler e, até mesmo, indicar leituras aos colegas. Vamos à Tabela 4:

Tabela 4: Professor, que papel tem a leitura na vida dos alunos?

A1. A leitura eu diria que ocupa o centro de tudo, se ele ler e compreende o que leu conseguirá se sair muito bem nas outras disciplinas e em sua vida em geral. Porque a leitura abre a porta do conhecimento despertando a vontade de aprender.
A2. A leitura é fundamental! É ela que possibilita o desenvolvimento do aluno de modo geral
A3. A leitura é fundamental para a compreensão do mundo. Num primeiro momento serve como mecanismo para ampliar a imaginação, a comunicação, a socialização e ainda o interesse pela escrita.
A4. O papel de consolidação da aprendizagem
B1. A leitura tem o papel fundamental de enriquecer o conhecimento e proporcionar aos alunos uma forma de sair de sua realidade que as vezes é difícil.
B2. Seria uma forma de libertação, de viagem na imaginação, mas hoje aos poucos que leem, serve somente

como passatempo, diversão. As leituras contemporâneas escolhidas, pouco ou quase nada forçam a criticidade dos alunos e os jogos virtuais, rival do livro, leva o aluno a uma viagem maior e mais prazerosa a ele que o livro.
B3. A leitura melhora a escrita, o conhecimento de mundo, facilita a compreensão em todas as disciplinas.
B4. A leitura tem o papel de ajudar a formar cidadãos críticos e aptos a se sobressairerem diante de qualquer situação.

Fonte: Elaboração nossa

Essa Tabela diz respeito sobre o papel da leitura na vida dos alunos. A respeito disso, na escola A, o professor A1 diz que a leitura abre a porta do conhecimento, desperta a vontade de aprender. Para o professor A2 e A3, ela é fundamental para o desenvolvimento do aluno, e compreensão do mundo, nessa ordem. E o professor A4 respondeu que a leitura tem o papel de consolidação da aprendizagem. No que se refere a essa questão, na escola B, o professor B1 afirmou que a leitura tem papel fundamental de enriquecer o conhecimento. Para o professor B2, ela representa libertação e viagem na imaginação. Já o professor B3 falou que ela melhora a escrita, traz conhecimento de mundo e o professor B4, respondeu que a leitura tem papel de formar cidadãos críticos. Assim sendo, todos reconhecem e destacam a relevância da leitura em nossas vidas e também na formação de seus alunos. Consonante com essa postura, Freire afirma que o ato de ler é relevante porque:

De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescreve-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente (FREIRE, 1989, s/p).

Pensando assim, compreendemos que a leitura pode transformar a vida daqueles que leem. Dessa forma, a leitura é imprescindível na formação do aluno, visto que ela não vem somente antes da leitura do mundo, vai além, porque proporciona aprender, conhecer e transformar realidade a partir do desenvolvimento dessa prática com consciência. Passamos para a Tabela 5:

Tabela 5: Para você docente, a escola tem responsabilidade se o aluno vir a ser leitor assíduo ou não? Por quê?

A1. Em parte, primeiro porque é algo pessoal, uma escolha onde o próprio aluno decidirá se ler por obrigação ou simplesmente por puro delete.
A2. Em parte, sim! Cabe à escola incentivar esse gosto pela leitura, mas o contexto familiar de incentivo também é muito importante.
A3. Sim, porque é atribuição da escola desenvolver a leitura e a escrita, como condição para a aquisição de novas aprendizagens. Além disto a criança passa parte significativa da sua infância na escola.
A4. Em parte sim, pois devemos incentivar essa pratica constante.
B1. Sim. No ambiente escolar o aluno tem indicações e o contato com os livros.
B2. Não, responsabilidade é um termo muito fechado. Creio que a escola desempenha um papel de mostrar ao aluno as possibilidades de leitura que ele pode realizar, indicar livros, sites, jornais, revistas. Mostra-se um caminho a seguir, a vida fora da escola mostra outros, responsabilizar-se pelo fracasso não podemos.
B3. A responsabilidade é dividida entre professores e a família.
B4. Apesar de não ser responsabilidade apenas da escola, esta também é responsável pela formação de leitores,

pois é na escola que os alunos passam boa parte do seu tempo, podendo ter contato maior com os livros.

Fonte: Elaboração nossa

Essa tabela trata da pergunta sobre se a escola tem responsabilidade se o aluno vir a ser leitor assíduo ou não. Na escola A, os professores A1 e o A2 disseram que em parte, pois confirmam que o aluno deve ter interesse em ler, e a família deve também cumprir sua responsabilidade no incentivar dessa prática. O professor A3 falou que sim, porque é atribuição da escola desenvolver a leitura e a escrita e o professor A4, concorda com o A1 e com o A2 que em parte, mas reafirma o que disse o A3 de que a escola deve incentivar a prática de ler.

Quanto a isso, na escola B, o professor B1 disse que sim, pois é na escola que o aluno tem contato e indicações de livros. O professor B2 afirma que não, que a escola tem o papel de mostrar o caminho e as possibilidades de leituras, porém a vida fora mostra outras, e que não cabe à escola se responsabilizar pelo fracasso. O professor A3 diz que essa responsabilidade é, ou pelo menos deveria ser, dividida entre a escola e a família. Seguindo essa visão, o professor B4 não concorda que essa responsabilidade seja somente da escola, porém, afirma que ela é responsável pela formação de leitores, levando em consideração que os alunos passam boa parte do tempo na instituição escolar, podendo ter contato maior com os livros.

Tais colocações nos remetem à Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) quando no art. 2º é citado que:

Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996, s/p).

Como referiram os docentes e também relata a LDB, o compromisso da educação, em que está inclusa a formação de leitores críticos e reflexivos, deve ser dividido entre família e a escola. Nessa jornada, as duas complementam esse trabalho de desenvolvimento e do gosto pela leitura, pois ambas devem inserir, apresentar e incentivar o hábito de ler, além de outras práticas que envolvem a vida educacional de crianças e jovens.

Como reflexão final, vale ressaltar os pontos positivos verificados com a pesquisa, dentre os quais estão as estratégias variadas que os professores das duas escolas pesquisadas utilizam no momento de inserir a leitura do texto literário e não literário em suas aulas, como por exemplo: roda de leitura, contação de estória, leitura compartilhada, socialização e debate sobre os textos lidos. Isso é importante para o desenvolvimento do discente na sua formação, no seu crescimento como leitor, pois dá ao aluno percepções diferentes sobre o ato de ler, além de confirmar que ela é indispensável na sua trajetória.

Tudo isso é realizado nas escolas, mas ainda é observável que o índice de desinteresse pela leitura é maior do que o do interesse. O que traz um questionamento para avaliar o que se pode fazer para trabalhar formas atrativas e a atenção dos alunos e desenvolver neles o gosto por essa prática. Uma sugestão seria levar em consideração a tecnologia em seu planejamento. Uma vez que ela tem inovado muitas coisas, dentre elas o ensino, pois tornar as formas de ensinar atraentes é um dos novos desafios.

Outra questão que se deve destacar são os aspectos negativos verificados no que diz respeito à forma como se trabalha a leitura na escola, como, por exemplo: leitura realizada a partir de fragmentos de textos em livro didático, o que faz com que os alunos percam boa parte do que poderiam chamar a atenção no texto, despertando para uma leitura completa; pouca opção e poucos exemplares de livros na biblioteca, isso também gera dificuldades para desenvolver um bom trabalho no momento de incentivar à leitura, porque material físico também é importante para atender os diversos gostos literários; pouco ou nenhum incentivo da família para hábito da leitura, esse que é imprescindível para o crescimento do aluno, pois exemplos e incentivos da família tornam os discentes mais envolvidos com o mundo literário.

Pode-se considerar que, nesse contexto, os pontos negativos se sobressaem, uma vez que o apoio familiar e a diversidade de livros estão baixos ou em falta. Conforme já mencionado, alguns professores podem até usar de métodos atraentes, mas se a família não faz sua parte em casa e não acompanha o aluno na escola, e esta não tiver recursos disponíveis como deveria, os baixos índices de domínio da leitura continuarão os mesmos.

No entanto, consideramos que a escola ainda pode procurar apoio para a realização desse importante trabalho, como por exemplo: fazer campanhas de doações de livros por entidades privadas, para aumentar os livros na biblioteca; buscar parceria com as universidades locais para desenvolver projetos de leitura, com a criação de grupos de leitores, projetos que incluam a família na leitura escolar, entre outros. Essas são possibilidades que a comunidade escolar, juntamente com a sociedade local, pode realizar em contribuição do desenvolvimento dos alunos que serão o futuro da cidade. Tudo mudará quando entendermos que educação se dá em conjunto, quando se trabalha unido em prol de um mesmo propósito.

Considerações finais

Esta investigação que aponta para uma pesquisa de campo, de cunho qualitativo e quantitativo, foi realizada com professores de língua portuguesa de duas escolas públicas de Araguatins. A partir disso, no presente texto, foi discutida a importância de se incentivar a

formação de leitores no âmbito escolar, verificando como os alunos do Ensino Fundamental II se comportam diante da forma como a leitura é inserida nessa disciplina. Além disso, foi investigado como os professores inserem a leitura dentro de suas aulas, refletindo-se, assim, se suas metodologias são adequadas para incentivar o gosto e o hábito de leitura do texto literário e não literário.

Por observar a relevância da leitura em nossa vida e a partir da pesquisa realizada, percebe-se que essa prática precisa ser inserida de forma mais atrativa em sala de aula, por exemplo, com a criação de prêmios de incentivo à leitura, grupos de leituras e com o desenvolvimento de outros projetos a serem trabalhados a favor do seu incentivo. Isso porque, é através do hábito de ler que os alunos podem se tornar pessoas críticas e atuantes em nossa sociedade.

Observando que a habilidade de leitura dos alunos de escolas públicas não atinge os índices esperados em avaliações como a Prova Brasil, por exemplo, é extremamente fundamental a parceria entre família e escola. Considera-se, dessa forma, que o papel do professor é de suma importância nessa fase, mas isso não extingue a responsabilidade da família em apoiar, incentivar e dar exemplos em favor da criança e do adolescente se tornarem leitores assíduos.

Portanto, o docente deve trabalhar com métodos agradáveis que despertem o interesse da criança, apresentar diferentes tipos de leituras e a família deve estar presente nessa formação. Inclusive, a escola pode procurar parcerias na comunidade para fazer frente a esse problema, porque a educação se faz com essa parceria: família, escola e comunidade. Quando ela de fato acontecer, não só esses índices negativos mudarão, mas também haverá desenvolvimento social.

Referências

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** - PCN. Língua portuguesa. Brasília – DF: MEC, 1997.

_____. **Base Nacional Comum Curricular**: Ensino fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2019.

CASTELLO-PEREIRA, Leda Tessari. **Leitura de Estudo**: ler para aprender a estudar e estudar para aprender a ler. Campinas – SP: Editora Alínea, 2005. 2. ed.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2010. 8ª ed.

FULGÊNCIO, Lúcia. LIBERATO, Yara. **Como facilitar a leitura**. São Paulo: Editora Contexto, 1992.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora paz e terra, 1996.

GERALDI, João Wanderley. Práticas de leitura na escola. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Scipione/Ática, 1999.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**: aspectos Cognitivos da leitura. Campinas - SP: Editora Pontes, 1989.

_____. **Oficina de leitura**. Teoria e prática. Campinas – SP: Editora Pontes, 2012. 14ª ed.

_____. **Preciso “ensinar” o letramento?** Não basta ensinar a ler e a escrever? Campinas: CEFIEL/UNICAMP, 2005.

PAIVA, Aparecida. Alfabetização e Leitura Literária. A leitura literária no processo de alfabetização: a mediação do professor. In: BRASIL. **Alfabetização e letramento na infância**. Boletim 09, Ceale/UFMG/MEC, junho, 2005. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2003.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas – SP: editora: Mercado de letras, 2003.

SILVA, Lilian L. M. da. “Às vezes ela mandava ler dois ou três livros por ano In: GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Scipione/Ática, 1999.

TESTA, Eliane. “Além da leitura”: “leitores reais” em condições de compartilhamentos de leituras. In: TESTA, Eliane. LEITE, João de Deus (Orgs.). **Além da leitura**: cartografias de leitura e de escrita [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

Anexo

Questionário aplicado aos professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II de escolas estaduais de Araguatins – TO.

- 1 - Como acontece a inserção da leitura no Ensino Fundamental II?
- 2 – Qual(is) metodologia(as) é(são) usadas para que o momento da leitura seja prazeroso?
- 3 - Você gostaria de trabalhar com a leitura de forma diferente? Se sim, por quê?
- 4 - Professor, que papel tem a leitura na vida dos alunos?
- 5 - Para você docente, a escola tem responsabilidade se o aluno vir a ser leitor assíduo ou não? Por quê?
- 6 - Para você, qual a postura dos alunos diante da forma que a leitura é inserida no Ensino Fundamental II?
 - () Demonstra interesse
 - () Demonstra desinteresse
 - () São motivados
 - () São desmotivados
- 7 - A escola dispõe de livros que você necessita para trabalhar a leitura?
 - () sim () não
- 8 – Você utiliza livros didáticos para trabalhar a leitura?
 - () sim () não
- 9 – Que livros você, professor, utiliza para trabalhar a leitura?
 - () Literatura infantil, juvenil
 - () Histórias em quadrinhos
 - () Clássicos literários
- 10 - O que falta a escola fazer para incentivar à leitura?
 - () Formação continuada a respeito do tema para os professores
 - () Diversidades de livros na biblioteca da escola
 - () Trabalhar projetos e formas diversificadas de leitura
 - () Incentivar os alunos a exporem suas produções em eventos culturais

Recebido em: 21/2/2020

Aprovado em: 23/4/2020